

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

A referida obra apresenta uma linguagem acessível, ao descrever expressivos e elucidativos exemplos das culturas dos diferentes povos, expondo as nuances culturais existentes na humanidade.

Laraia (2002) se contrapõe aos determinismos geográficos e biológicos, defendidos por alguns Antropólogos, Cientistas e Pesquisadores para a definição de cultura. Para esse autor, o conceito de cultura é básico, mas, ao mesmo tempo, complexo de analisarmos, pela sua riqueza e diversidade, tornando-se fonte de calorosas e frutíferas discussões especialmente em Ciências Humanas.

Trata-se de uma obra dividida em duas partes, onde na primeira apresenta o conceito de cultura, abordando os seguintes aspectos: determinismo biológico e geográfico; antecedentes históricos do conceito de cultura; desenvolvimento do conceito de cultura; origem e teorias modernas sobre cultura. Enquanto na segunda descreve-se como opera a cultura, discorrendo sobre tais questões: cultura condicionando a visão de mundo do homem e interferindo no plano biológico; participação dos indivíduos na sua cultura de forma diferenciada e, por fim, a dinâmica da cultura.

Diante do exposto, aferimos que inicialmente a obra descreve minuciosamente o conceito de cultura e, no transcurso as formas como esta influencia o comportamento das pessoas; apresentando inúmeros conceitos de cultura numa perspectiva antropológica, assinalando que a definição de cultura, tem uma relação intrínseca com a Antropologia.

Em pleno século XXI, cultura é fortemente discutida nas universidades, sobretudo, nas Ciências Humanas, pois, trata-se de um conceito com muitas definições e percepções na sociedade humana.

O autor elucida historicamente o conceito de cultura, descrevendo algumas definições e exemplos de cunho antropológico para ilustrar o tema abordado, assinalando as distintas formas pela qual a cultura influencia o comportamento humano, afirmando que a cultura é dinâmica e, as tendências etnocêntricas estão explícitas no seu conceito.

Segundo Laraia (2002), existem dois grandes equívocos que até o presente momento compõem o conceito de cultura em Antropologia, os determinismos geográficos e os determinismos biológicos. Tese considerada por determinados Antropólogos e Cientistas Sociais, os quais sustentam que as características geográficas ou biológicas, dito de outra maneira, as características raciais ou étnicas, são responsáveis pelas diferenças culturais entre as nações ou povos.

---

\* Graduada em Arquivologia pela Universidade Estadual da Paraíba, Brasil. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

Para se contrapor a tais determinismos, o autor ora resenhado descreve numerosos exemplos elucidando que existem diferenças culturais significativas entre os povos, mesmo quando estes vivem em condições geográficas similares, bem como pertencentes à mesma etnia.

Entre os exemplos sobre o determinismo geográfico, ressaltamos aquele que considera o clima meteorológico como um elemento determinante do progresso dos povos, alegando que os residentes de uma determinada região ou país em função do seu clima são suscetíveis ao progresso em detrimento aos residentes em locais com predominância de outros climas. O determinismo biológico se assemelha ao determinismo geográfico quando acredita que as diferenças culturais seriam explicadas em função da genética de cada indivíduo.

Em relação aos exemplos sobre o determinismo biológico destaca-se a declaração da UNESCO de 1950, sobre o genocídio praticado pelo nazismo direcionado àqueles que seriam considerados geneticamente inferiores, por acreditar que as diferenças entre os povos se devem a história cultural de cada grupo, e não da sua genética. Logo, o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, um processo chamado de endoculturação, ou seja, o processo de diferenciação entre os povos, incidindo na formação de culturas diferentes.

Em seguida descreve como foi surgindo o conceito de cultura desde a Antiguidade, apresentando a definição do conceito de Locke que considerava a mente humana uma tábua rasa, passando pela definição clássica de Tylor, onde apresenta a primeira definição de cultura no campo antropológico, com uma perspectiva evolucionista alegando que existia uma escala de civilização, aonde se definiria o progresso cultural.

O evolucionismo começa a ser superado a partir dos estudos do alemão Franz Boas, radicado nos EUA, que desenvolve o particularismo histórico, afirmando que cada cultura segue os seus próprios caminhos em função das inúmeras ações históricas ocorridas. Enquanto o Antropólogo americano Kroeber, afirma que cada cultura é o meio de adaptação do homem em relação aos diversos ambientes ecológicos, de modo que não é o aparato biológico que determina a cultura.

Laraia (2002) trata da questão de como a cultura influencia o aparato biológico humano, afirmando que o surgimento da cultura depende de um sistema articulado de comunicação, sem o qual não seria possível a transmissão cultural. Dito isto, cultura é um processo de acúmulo de experiências diversas, transmitidas pela comunicação entre os indivíduos, tendo uma lógica própria e, por este motivo ela é dinâmica.

O autor pondera sobre as origens da cultura, apresentando algumas explicações, que destaca o desenvolvimento da habilidade manual e do cérebro como condições *sinequa non* para o surgimento da cultura. Destacando ainda as teses do Antropólogo francês Lévi-Strauss, para quem a cultura surge com a primeira norma, a proibição do incesto, e por fim, a tese do americano Leslie White, que associa a cultura à capacidade especificamente humana de gerar símbolos.

Estas teorias parecem supor que a cultura teria surgido de forma súbita, Laraia se contrapõe as mesmas, pois o mesmo acredita que a natureza não age por saltos, mas que, a cultura se desenvolve de forma gradual e simultaneamente ao desenvolvimento do equipamento biológico. Também expõe algumas das mais importantes teorias modernas sobre a cultura, com base na tese do Antropólogo americano Roger Keesing, que divide as concepções de cultura em dois grupos: que considera a cultura um sistema adaptativo e aquela que a considera um sistema estruturalista.

O autor pontua como a cultura condiciona a concepção de mundo dos indivíduos, os julgamentos de cunho moral, valorativo e os diferentes comportamentos sociais, assinalando que

as posturas corporais são produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da ação de uma determinada cultura. Descrevendo o riso para exemplificar sua afirmativa, pois, conforme Laraia (2002), sujeitos de diferentes culturas riem de coisas distintas e por razões diversas, a exemplo dos índios Kaapor que podem rir de susto; enquanto os Japoneses, às vezes riem por etiqueta e, assim por diante.

Nesta mesma perspectiva, e com base na tese do estudioso Marcel Mauss, o uso que cada indivíduo faz do seu corpo também vai depender da cultura a qual ele está inserido.

Sobre a cultura no âmbito da culinária, a obra assinala que, determinados alimentos considerados saborosos e requintados em uma determinada cultura podem despertar repulsa em outras, descrevendo assim uma tendência etnocêntrica, ou seja, quando a pessoa considera seu modo de viver a partir da sua cultura como superior a cultura das demais pessoas.

A obra discorre as influências da cultura sobre o biológico, usando como exemplo os índios Kaapor, os quais crêem que a visão de um fantasma é um sinal de morte, crêem de forma tão veemente que morre quando acreditam que viram um fantasma. Apontando que a influência da cultura sobre o organismo também se evidencia no surgimento de doenças psicossomáticas, assim como na cura de doenças, como no caso de uma pessoa acreditar que certo chá de uma planta específica cura determinada enfermidade, mesmo não havendo comprovação científica na medicina que este chá não tenha a tal finalidade.

Para Laraia (2002), os indivíduos participam diferentemente de cada cultura, pois, o grau de participação do indivíduo numa cultura depende de inúmeros fatores, como idade, sexo, posição social entre outros fatores, expondo inúmeros exemplos a este respeito, frisando o caso do estabelecimento de uma idade mínima para o voto ou para o casamento. Destacando a importância de cada pessoa conhecer minimamente o sistema cultural no qual está inserido, pois, é a partir destes sistemas que as pessoas sabem como agir, entender o que é lícito fazer ou não, de modo a se enquadrarem socialmente.

Enfatiza que toda cultura possui uma lógica própria, ou seja, não é possível deslocar a lógica de um dado sistema cultural para outro, do mesmo modo que um fato cultural apreende seu sentido apenas na configuração que lhe é própria, pois a coerência de um hábito cultural somente pode ser analisada dentro da conjuntura do sistema a que pertence.

Afirma que a análise de outra cultura requer um distanciamento da cultura própria, a fim de que as referências da última não sirvam de critério para a primeira. A cultura é dinâmica, pois, nenhuma sociedade é estática, mesmo que o ritmo de mudança de determinada sociedade seja menos acelerado que outras.

O autor assinala dois padrões de mudanças: o da dinâmica que se efetua a partir do próprio sistema cultural e o que resulta do contato com outra cultura, este último se dá de forma mais atuante na maior parte das sociedades, recebendo maior atenção da Antropologia. Sendo assim, entender a dinâmica de um sistema cultural é importante para suavizar o choque entre gerações e evitar ações preconceituosas sobre a cultura das nações.

Apresenta teses sobre cultura, defendidas por vários pesquisadores, que viveram em diferentes épocas, comparando as visões destes estudiosos. Todavia, parte da premissa que tais teses são insuficientes para legitimar explicações do determinismo biológico e geográfico com vistas a elucidar o comportamento dos povos na sua diversidade cultural. Dessa forma, Laraia (2002) concorda que as diferenças genéticas/somáticas não determinam diferenças culturais. Dito de outra forma, o determinismo biológico não influencia o aprendizado de determinada cultura.

Defende que a cultura age seletivamente e não casualmente e, que a partir de muitos estudos sobre vários povos, foi possível constatar que, nos mesmos grupos sociais haviam culturas diferentes, sendo assim, existem culturas semelhantes em espaços físicos diferentes. Ainda aponta a historicidade do conceito de cultura, como fator de diferenciação da espécie humana em relação às demais.

Apresenta a definição de cultura proposta por Edward Tylor como sendo o “complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e quaisquer outros hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”, (LARAIA, 2002, pág. 25).

Sendo assim, cultura é uma síntese de vários pensamentos na perspectiva de uma linhagem ideológica comum. Em contraponto às teses de John Locke, Turgot, Rousseau, entre outros autores, que tem a pretensão de anular o raciocínio da relação entre natural e cultural, como domínios que se interagem diretamente.

Aborda as tentativas para elucidar o conceito de cultura proposto por Tylor sobre o campo da Antropologia Cultural, o qual afirma que a cultura possui leis e características de ordem natural, organizadas e embasadas em alicerces elementares, como por exemplo, a "unidade psíquica da humanidade", defendendo que a Antropologia Cultural tem um objeto de estudo científico, assim como as demais ciências.

Franz Boas, defende o método "particularismo histórico", que se refere a uma análise comparativa histórica, considerando os efeitos das condições psicológicas e os meios ambientes onde o indivíduo está inserido. Já Kroeber considera o ser humano como único ser capaz de criar seu próprio processo evolutivo, ao "superar o orgânico", para o mesmo a cultura é adaptada aos diferentes ambientes ecológicos e, o ser humano é capaz de perpetuar a espécie ao longo dos anos e transformar o mundo.

De acordo com Laraia (2002) é, através da endoculturação, que a humanidade aprende a romper as barreiras das diferenças ambientais, bem como dar vazão a criação, refutando temas como os instintos humanos e supervaloriza o processo de comunicação como base para o desenvolvimento da cultura.

Prosseguindo a discussão o autor problematiza a origem da cultura como parte unicamente do ser humano, expondo as teorias dos teóricos: Leackey e Lewin (desenvolvimento da visão eteroscópica); Pilebam (bipedismo); Oakley (desenvolvimento de um cérebro mais volumoso e complexo); Lévi-Straus (teoria da invenção da primeira norma) e White (elaboração dos símbolos).

No entanto, Laraia (2002) critica que tais teorias induzem um aparecimento espontâneo do início da cultura, afirmando que o mesmo se deu de forma ininterrupta e pausadamente, porém, com o equipamento biológico. Expõe algumas das mais importantes teorias modernas sobre a cultura, defendida pelo Antropólogo americano Roger Keesing, que divide as concepções de cultura em dois grupos como um sistema adaptativo e suas teorias idealistas, divididas em três grupos, cultura como: sistema cognitivo; sistema estruturalista e sistema simbólico.

É a partir destes sistemas que as pessoas sabem como agir, o que é lícito fazer ou não, de modo a se enquadrarem socialmente. O autor também enfatiza que toda cultura possui uma lógica própria, ou seja, não é possível deslocar a lógica de um dado sistema cultural para outro, do mesmo modo que um fato cultural apreende seu sentido apenas na configuração que lhe é própria, pois a coerência de um hábito cultural somente pode ser analisada a partir do sistema a que pertence.

Adiante Laraia (2002) reforça a ideia de que a cultura é dinâmica. Entretanto, alguns comportamentos fisiológicos básicos deveriam ser iguais por questões somáticas, mas, apresentam grandes diferenças em determinadas culturas, em decorrência do próprio processo de endoculturação, como por exemplo, o riso, a sexualidade, o parto, o modo de comer, a própria comida e a visão do espaço.

Em relação à influência da cultura nas questões biológicas mais complexas e, que são determinantes de saúde dos povos, assinala tais exemplos: perda de referências culturais, crenças, saudades, entre outros fatores podem interferir no plano biológico dos seres humanos, comprometendo inclusive seu funcionamento somático equilibrado, levando-os em casos extremos, como à morte do indivíduo. Enquanto em outros casos, as crenças e hábitos podem ser capazes de curar, restabelecendo o bom funcionamento biológico dos seres humanos. Sendo assim, revela como determinada cultura é capaz de transpassar barreiras somáticas através do processamento psicológico e solucionar problemas biológicos.

O autor ora resenhado assegura que a participação de um indivíduo em sua cultura é limitada e diversa ao mesmo tempo, que tanto as limitações como as participações do indivíduo em sua própria cultura podem ser determinadas por diferentes fatores como, por exemplo, sexo, idade e costumes partilhados. Esses fatores também podem diversificar e limitar papéis de maneira diferente em outras culturas. O autor acrescenta que nenhum indivíduo é capaz de compreender o seu sistema cultural, mas que é necessário conhecer e englobar para si o essencial do mesmo, para que se identifique e possa viver em harmonia consigo e, com os seus pares.

Em relação aos princípios de juízos e raciocínios de cada cultura como sendo lógicos em sua ambiência social, mesmo que pareçam ilógicos ou até mesmo abomináveis para as outras culturas, é importante frisar que todas as culturas possuem a sua própria lógica. “Muito do que supomos ser uma ordem inerente da natureza não passa, na verdade, de uma ordenação que é fruto de um procedimento cultural, mas que nada tem a ver com uma ordem objetiva” (LARAIA, 2002, p. 89).

Esse autor exhibe a característica do dinamismo da cultura, tendo como causa principal a capacidade que tem o ser humano de questionar os seus próprios hábitos e modificá-los, afirmando que a cultura é sempre alterada de forma mais rápida ou lenta, dependendo dos atos culturais estabelecidos, pois o ser humano é capaz de rever seus princípios e, buscar uma forma de aperfeiçoá-los ou transformá-los, considerando dois tipos de mudança cultural: a interna e a resultante do contato de um sistema cultural com outro.

Logo, todas as culturas estão sempre em constante mudança, pois, a cultura pode se desenvolver das mais variadas formas possíveis em qualquer lugar do mundo, sejam eles próximos ou longínquos. Sendo assim, a cultura é algo intrínseco ao ser humano, pois, o ser humano é necessariamente um ser social e, intrinsecamente cultural. Não existem pessoas sem cultura, todas elas são capazes de aprender as diversas culturas, não importando sua raça ou origem.

Fica entendido que a cultura é considerada diretriz e formadora da visão de mundo das pessoas. Logo, não existe cultura superior, desenvolvida e lógica em detrimento à outra, pois, todas possuem seus princípios válidos para seus respectivos indivíduos. Todas as culturas possuem um grau de relevância e importância igual para os indivíduos que as integram e, elas são responsáveis pela humanidade ser capaz de transpassar os anos, resistindo às mudanças ecológicas e obedecendo às regras elementares e genéricas que as permeiam.

De acordo com os relatos da obra analisada, a pessoa considera bárbaro o que não se pratica em sua terra, pois, desde a Antiguidade, foram comuns as tentativas de explicar as diferenças de comportamento entre os seres humanos, a partir das variações dos ambientes físicos.

Alguns Antropólogos estão totalmente convencidos de que as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais. Laraia (2002) aponta para o que Felix Keesing afirma, "não existe correlação significativa entre a distribuição dos caracteres genéticos e a distribuição dos comportamentos culturais".

Ainda de acordo com Laraia (2002), as pesquisas científicas revelam que o nível das aptidões mentais é quase o mesmo em todos os grupos étnicos e, por outro lado a Antropologia tem mostrado que muitas das atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra cultura.

A verificação de qualquer sistema de divisão sexual do trabalho mostra que ele é determinado culturalmente e não em função de uma racionalidade biológica. Desta forma, observado o processo de endoculturação já mencionado, um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada.

Para o determinismo geográfico as diferenças do ambiente físico condicionam a diversidade cultural, porém, não é viável admitir o determinismo geográfico, ou seja, a ação mecânica das forças sobrenaturais sobre uma humanidade puramente receptiva.

Finalizando, a obra promove um estudo acerca do conceito de cultura em diversas temporalidades, define cultura como todo comportamento humano aprendido, independente de uma herança genética, assegurando que cada povo deve ser compreendido pelo seu próprio paradigma cultural, demonstrando que o evolucionismo biológico acompanha o cultural. E que a cultura segue um sistema lógico, próprio e dinâmico, enfatizando a importância de respeitar a diversidade cultural e de compreender as mudanças internas, promovendo um estudo acerca do conceito de cultura em diversas temporalidades.

O autor exerce com êxito sua proposta, que é a de iniciar interessados nos estudos da cultura, suscitando outro entendimento e percepção sobre a temática, ao passo que aponta vários exemplos de como o ser humano, em decorrência da cultura pode ter comportamentos divergentes, embora possuam o mesmo aparato biológico, apresenta outro entendimento e percepção sobre cultura, sobretudo na perspectiva Antropológica. Recomendamos a leitura desta obra para todas as pessoas que pretendem ampliar seus conhecimentos sobre essa temática.